

M 642
M 235 M 588
CM 1.11.53
DN 1.7.49
DN 13.7.67
RN 246

A CHUVA

RUBEM BRAGA

ESSA chuva longa e farta, com êsse vento frio, parece que une mais tôdas as coisas. Na rua as árvores e as casas estão molhadas e fazem uma só massa de coisas no ar cinza e escuro. O gato, o cachorro, a mulher, o menino, o homem, todos são bichos que se abrigam para não se molhar, e parecem sentir essa união primitiva.

A esquina quieta, mergulhada nessa chuva, está recolhida em si mesma, longe de qualquer outro pedaço de mundo. Raramente passa um auto; e êle mesmo vai apressado, como um bicho encolhido em sua casca preta, fugindo da chuva. Quando o telefone toca — sua campainha parece mais aguda e mais alta no ar frio desta manhã — e nos traz o calor de uma voz amiga, então é como se a cidade fôsse um arquipélago. Há, aqui e ali, longes e impossíveis, envolvidas na bruma, ligadas apenas pela possibilidade do telefone, pessoas amigas entocadas em seus cantos. E é comovente que uma dessas criaturas ilhadas em sua casa tenha se lembrado de outra e telefonado como para dizer apenas que não é verdade que o mundo esteja para sempre fragmentado em ilhas sob um céu de chumbo, e cada criatura tenha apenas para viver um quadrado de paredes tristes e um pequeno retângulo de vidraça emba-

çada para ver o mundo.

A empregada vem contar o que aconteceu. Uma pobre mulher com seu filhinho surgiu na porta dos fundos e pediu para se abrigar. Foi despedida de uma casa, não tem para onde ir e está com aquela criança nos braços. Não, não quero ir vê-la. É melhor deixá-la em seu canto; tenho uma espécie de pudor em ir interrogar com palavras ou apenas com os olhos a sua miséria e o seu abandono. Minha empregada já lhe arrumou um quartinho com uma cama, já lhe deu comida. Ela está metida em um cantinho quente, como um bicho que se esconde em sua toca. Amanhã ou depois fará sol, ela arrumará algum jeito de vida, continuará por aí a batalha penosa e vulgar de sua existência miserável.

Para que ir vê-la, individualizar sua miséria igual a tantas na cidade leviana e cruel? Eu não tenho nada com isso. Não sou um cidadão solicitado a pensar e agir sôbre os dramas da cidade; não foi para isso que essa criatura bateu à minha porta. Sou um animal em cuja furna, nesta manhã de chuva, houve espaço para mais outro animal; minha cozinheira lhe dá um prato de feijão, arroz e carne — como qualquer bicho, tendo comido, abandona a outro o resto de sua ração.

M 588 27-7-63

589 - não foi publ.